



Ele foi aos extremos porque considerava sua própria vida um bem menor diante da questão nacional a ser resolvida"

Pimenta da Veiga, ex-líder do PMDB na Câmara



Era um circo! Éramos eu, o médico e o presidente da República na maca"

Tancredo Augusto, sobre o descontrole no Base



Os médicos só tiveram a noção da gravidade depois que Tancredo foi aberto"

Ex-presidente José Sarney sobre a hipótese de erro médico



A simbiótica afinidade entre a medicina e o poder sempre tem resultados agourentos"

Luís Mir, autor do livro O Paciente — O Caso Tancredo Neves

enfermeira-chefe Berthe Monteiro Nery.

Dia 15 de março, madrugada. Às 1h10, Tancredo começa a ser operado e fica na mesa cirúrgica até as 2h45. Mas, antes que o procedimento iniciasse, aconteceu de tudo: 1) o HDB foi invadido por políticos, jornalistas, militares e curiosos tão logo souberam que o presidente lá dera entrada; 2) entre os médicos, houve uma confusão bizantina sobre em que centro cirúrgico se faria a operação. Inicialmente, seria no da cardiologia, no subsolo, mas levaram-no para o do pronto-socorro, no segundo andar. Até que descesse ao lugar da operação, houve bate-boca entre os médicos Toscano Franca e o diretor do HDB, Gustavo Arantes, com o envolvimento ainda de Renault e Pinheiro, que exigiu a descida do paciente. Nisso, perdeu-se, pelo menos, uma hora; 3) o centro cirúrgico foi invadido por gente que nada tinha a ver com o procedimento — 34 pessoas, segundo contagem publicada em *O paciente — O caso Tancredo Neves*.

Luís Mir relata em seu livro o cenário que o filho do presidente eleito, Tancredo Augusto, encontrou no HDB: "Era um circo! Ele (Tancredo) me fez um

único pedido: 'Meu filho, ponha o lençol no meu rosto, me cubra!'. Fiz isso, pus o lençol no rosto dele. Teve uma pessoa que tentou, que queria levantar o lençol! Não tinha nenhuma segurança. Éramos eu, o médico (Toscano Franca) e o presidente da República na maca. Em um canto, um baleado, sangrando. Gente nos corredores... parecia o Inferno de Dante", descreveu.

"Imolação?"

Em entrevista para o livro *Memória viva do regime militar — Brasil: 1964-1985*, o autor Ronaldo Costa Couto é enfático ao perguntar a Pimenta da Veiga, ex-líder do governo na Câmara dos Deputados, à época da eleição de Tancredo, se o presidente eleito "se imolou". "Percebi um sentimento dele de descompromisso com a vida. Um sentimento menor pela própria vida, diante de dois aspectos. Primeiro, o coroamento de uma longa e brilhante vida pública que ele não queria, muito justamente, que deixasse de chegar ao cume, a Presidência da República. Depois, por entender que sua posse era um fato tão forte, que justificaria até a perda da vida. Até

a própria morte. Ela encerraria um ciclo (...). Ele foi aos extremos porque considerava sua própria vida um bem menor diante da questão nacional a ser resolvida", analisou Pimenta.

Em entrevista ao repórter Vanilson Oliveira, do *Correio Braziliense*, o ex-deputado confirmou que foi avisado por Renault de que a saúde de Tancredo se agravava a um ponto preocupante — situação, aliás, que era sabida por poucos, como o presidente da Câmara, Ulysses Guimarães, e o general Ivan de Souza Mendes, do Serviço Nacional de Informações (SNI): "Estou lá (no gabinete) e chega o doutor Renault, médico da Câmara. Entra e vai diretamente a mim. Pede licença à secretária e diz que precisava me dizer algumas palavras imediatamente. Notei que era alguma coisa grave e me dirigi a uma pequena sala anexa, que estava repleta de deputados, senadores, até de ministros do governo que ia se instalar. Me lembro que estava lá o Dilson Funaro, que à época não era ministro, era presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) — mas estavam todos lá. Pedi licença e fui a esta

sala anexa ver o que o doutor Renault queria me dizer. E, para meu espanto completo, ele me dizia que, não pelas relações pessoais que tínhamos, mas por uma razão institucional, que o dr. Tancredo estava mal de saúde e que eles haviam aconselhado uma cirurgia imediata. Mas o dr. Tancredo teve a seguinte reação: 'Leve-me à posse, depois façam de mim o que quiserem.' Ele tinha dúvida se os militares dariam posse ao (vice-presidente José Sarney)", lembrou Pimenta.

No artigo intitulado *40 anos depois — Ainda estamos aqui*, publicado no começo desta série, a repórter do *Correio Braziliense* Liana Sabo testemunhou que, na missa da noite de 14 de março de 1985, no Santuário Dom Bosco, Tancredo estava com algum problema de saúde. Percebeu que o presidente eleito levou a mão à base da barriga, ao se levantar em certo momento da celebração. Corria por Brasília o boato, mas, como ele disfarçava bem, as pessoas que o acompanhavam tinham dúvidas.

Em entrevista à edição do *Correio Braziliense* de 14 de março de 2005, Renault deixa claro que Tancredo colocou a situação política do país acima da própria saúde. Indagado se o presidente, caso fosse um cidadão comum, teria aceitado se operar, o médico foi peremptório. "A gente não teria tolerado um pouquinho aquela reação dele. A gente se perguntava: 'Mas será que ele não pode esperar só mais dois dias?' Afinal, faltava muito pouco para ele tomar posse na Presidência da República, num momento dramático, de redemocratização do país", explicou.

Segundo Renault, a saúde de Tancredo era "em geral, boa. Mas, um ano antes de ter o problema da diverticulite, ele sofreu um infarto. Descobri durante um exame de rotina. Eu pedi um eletrocardiograma e detectei uma ponta lesada no ventrículo do coração. Mas ele nunca soube disso" — disse o médico, na mesma entrevista.

A família

Ao longo da conversa que se tornou a entrevista publicada ontem pelo *Correio Braziliense*, Aécio criticou os médicos que acompanharam o avô. Conforme disse, a família não foi alertada por eles de todos os riscos relacionados à saúde do presidente eleito. "Não houve, em nenhum momento, uma imposição para que ele se operasse", lembrou. O neto de Tancredo confirma que o ambiente encontrado no HDB era de completa confusão.

"Havia mais de 30 pessoas no centro cirúrgico", observou.

Segundo Aécio, a ideia da família era levar Tancredo para ser operado em São Paulo — inclusive, ele já havia esboçado a remoção com uma empresa de táxi aéreo. Mas os médicos que atendiam o presidente eleito insistiam que seria arriscado e que não se responsabilizariam se não resistisse à viagem.

Em *Tancredo Neves: a noite do destino*, José Augusto Ribeiro republica uma longa entrevista de Aécio, de 1991, no qual o deputado deixava claro que também havia, como pano de fundo, a tentativa dos médicos que acompanhavam o presidente até então de priorizar o corpo de especialistas que atuava em Brasília.

"O dr. Renault era médico do Tancredo há 20 anos, mas nós, da família, não

conhecíamos o cirurgião, o dr. Pinheiro. Chamei o dr. Renault num canto do quarto (da Granja do Riacho Fundo, na primeira vez em que os dois especialistas examinaram o presidente juntos) e insisti com ele: por que o Pinheiro? Ele me dizia que se Tancredo tivesse de ser operado por alguém, seria pelo Pinheiro, indicado exclusivamente por ele, e que ninguém conhecia. E repetia: 'Fique tranquilo que o hospital está preparado e tem todas as condições de operar o dr. Tancredo"', frisou Aécio.

Confrontado sobre os motivos pelos quais a família não reagiu à indicação de Pinheiro, o deputado justificou na mesma entrevista publicada no livro: "Optamos por dar a ele toda a autoridade para escolher os médicos para fazer o tratamento. Mas ficou claro que, naquele momento, ele teve a preocupação com a questão regional, em preservar o corpo médico de Brasília. É a autoridade de quem delegou a escolha ao médico que nos permite, hoje, a cobrança de responsabilidades", observou.

Renault e Pinheiro foram submetidos a processo ético-profissional pelo Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal (CRM-DF), aberto em 26 de abril de 1985.

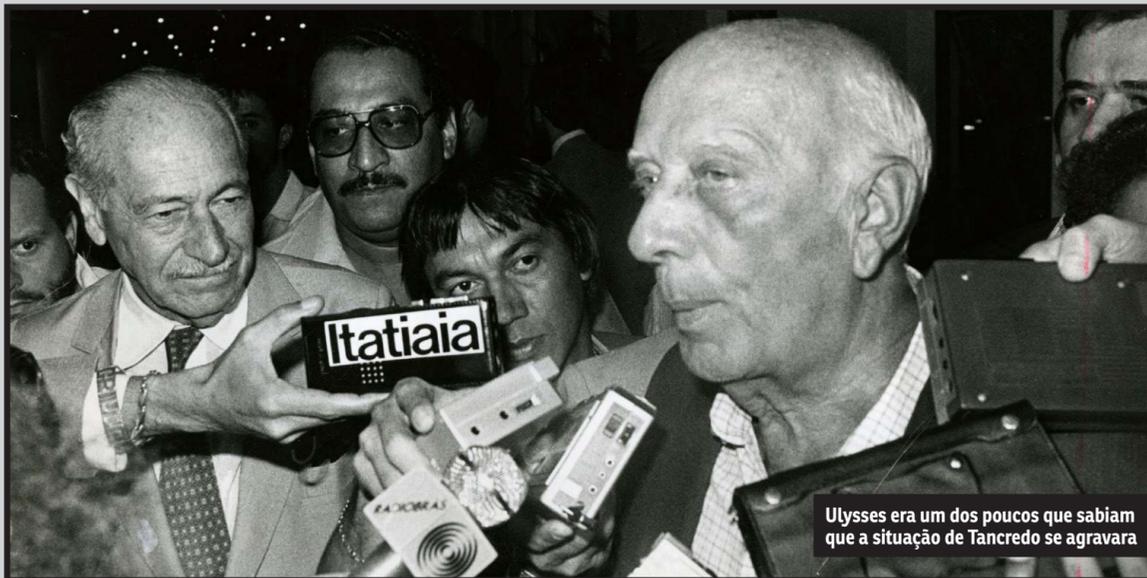
Na edição de 15 de março de 2005 do *Correio Braziliense*, o ex-presidente José Sarney, que assumiu o mandato de Tancredo, evitou analisar se os médicos que acompanharam o ex-presidente estavam certos ou errados. "Prefiro não julgá-los, até porque acho que os médicos só tiveram a noção da gravidade do quadro depois que Tancredo foi aberto. Agora, muitos políticos acreditam que um problema de saúde atrapalha, sim, a carreira. Sempre tive uma postura diferente porque sou hipocondríaco. Sempre falo à minha mulher (d. Marly): se eu tiver uma dor de dente, ela pode sair gritando na rua. O que quero é que a dor passe", respondeu.

Em *O paciente — O caso Tancredo Neves*, Luís Mir faz uma análise da relação entre a medicina e o poder, e o quanto pode ser leniente com limites éticos: "A simbiótica afinidade entre a medicina e o poder sempre tem resultados agourentos. O caráter aplicado de ciência médica, o controle e a competência de intervenção e predição são subjugados pela irracionalidade do poder, fenômeno sem comedimento, cuja única função é praticar o domínio absoluto. No caso deste paciente (Tancredo), os profissionais envolvidos se remeteram a procedimentos empíricos ou relativos, mesmo que aparentemente seguissem uma universalidade clínica. O sistema de atendimento, a partir de seus principais chefes — Renault Mattos Ribeiro [clínico], Francisco Pinheiro Rocha [cirurgião], Henrique Walter Pinotti [cirurgião já da fase paulista da tentativa de salvar o presidente] — laborou, mas não o suficiente, para que toda a sua aptidão (cirúrgica e curativa) chegasse ao doente, em Brasília. Era fundamental (e não foi sequer tentado) isolar o presidente das exigências políticas absurdas feitas continuamente à beira de sua cama, por multidão que borboleteava dentro da UTI e contaminava o entorno médico e político do paciente. Eram médicos do poder, que serviam ao poder, e todos pagaram um preço (altíssimo) por isso", resumiu.

O resultado, trágico, veio em 21 de abril de 1985.



Castello Branco, Maciel e Aureliano: o futuro ministério corre para o Base



Ulysses era um dos poucos que sabiam que a situação de Tancredo se agravava